



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

RENATA SAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

LITERATURA DE CORDEL E GÊNERO: expressões estético feministas presentes na
obra de Neide Torres e Grazielle Maria

Caruaru
2025

RENATA SAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

LITERATURA DE CORDEL E GÊNERO: expressões estético feministas presentes na obra de Neide Torres e Grazielle Maria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Área de concentração: Estética.

Orientador: Prof^o. Dr. Mário de Faria Carvalho

Caruaru

2025

Dedico esse trabalho a todas nós Poetas que, com a força dos versos, poetizam a existência humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a poesia pois sem ela eu não seria quem sou hoje. Agradeço a minha família, mainha (Eneilza), painho (Genival), irmãs (Camila e Pamela), irmão (Renan), por todo amor, e em especial à meu querido Theodoro, por tantas vezes ser meu suporte emocional.

Agradeço à Mário, por todo conhecimento, apoio e pela oportunidade de poder espalhar minha arte em suas aulas. Agradeço à Dani Bracchi, e também a sua querida Patti, por todo aprendizado, acolhimento e vivências. Agradeço também aos que fazem parte do grupo de pesquisa O Imaginário, e em especial a Ilzy e Lara pela escuta, vivências e por estarem comigo sempre que precisei.

Agradeço a minha amiga Rayane e ao meu amigo Jhonatan, pela amizade, por todo apoio, amor e caminhada.

Por fim, agradeço a todos que compõem a Casa de Cordel de Cupira por me acolherem tão bem, e em especial a Neide e Carlos por todo carinho e por apresentarem a Literatura de Cordel não somente a mim em 2015, mas até hoje a tantas pessoas, obrigada por continuarem a espalhar essa arte.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Literatura de cordel e gênero: expressões estético feministas presentes na obra de Neide Torres e Grazielle Maria

Cordel literature and gender: feminist aesthetic expressions present in the work of Neide Torres and Grazielle Maria

Renata Samira da Silva Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho buscou investigar a presença de mulheres na literatura de cordel, com foco nas produções das cordelistas Neide Torres e Grazielle Maria, mulheres que compõem a Casa de Cordel de Cupira, Pernambuco. Embora o cordel tenha sido historicamente dominado por vozes masculinas, na cidade de Cupira/PE, mulheres têm reescrito e subvertido essa tradição, utilizando a poesia como uma forma de resistência e expressão. Seus versos abordam lutas, afetos e o cotidiano feminino, ampliando a representação da mulher na cultura nordestina. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa por meio dos escritos de Suely Rolnik (2016), que permitiu captar as subjetividades das cordelistas e compreender suas experiências e processos criativos. A análise dos cordéis foi feita com base nos estudos sobre estética feminista de Claire Raymond (2019) e Luana Tvardovskas (2015), nos conceitos sobre gênero a partir de Simone Beauvoir (1967) e Judith Butler (2003) e na reflexão sobre imaginário e simbolismo proposto por Gilbert Durand (2001). Busquei compreender como as narrativas dessas mulheres reconstróem o espaço tradicional da literatura de cordel e ampliam o campo de discussão sobre gênero e poder. Este estudo contribui para a valorização da presença feminina na literatura de cordel e para visibilizar as trajetórias de mulheres cordelistas de Cupira/PE, propondo uma nova abordagem da literatura ao incluir vozes historicamente marginalizadas.

Palavras-chave: literatura de cordel; gênero; estética feminista; mulheres cordelistas; arte de mulheres.

¹ Graduanda em Design pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste(UFPE/CAA). E-mail: renatasamira@outlook.com

ABSTRACT

This study sought to investigate the presence of women in cordel literature, focusing on the works of cordel writers Neide Torres and Grazielle Maria, women who are part of the Casa de Cordel de Cupira, Pernambuco. Although cordel has historically been dominated by male voices, in the city of Cupira/PE, women have rewritten and subverted this tradition, using poetry as a form of resistance and expression. Their verses address struggles, affections and women's daily lives, expanding the representation of women in northeastern culture. The research adopted a qualitative approach through the writings of Suely Rolnik (2016), which allowed us to capture the subjectivities of the cordel writers and understand their experiences and creative processes. The analysis of the cordel poems was based on studies on feminist aesthetics by Claire Raymond (2019) and Luana Tvardovskas (2015), on concepts about gender from Simone Beauvoir (1967) and Judith Butler (2003), and on reflections on imagery and symbolism proposed by Gilbert Durand (2001). I sought to understand how the narratives of these women reconstruct the traditional space of cordel literature and broaden the field of discussion on gender and power. This study contributes to the valorization of the female presence in cordel literature and to making visible the trajectories of female cordel writers from Cupira/PE, proposing a new approach to literature by including historically marginalized voices.

Keywords: cordel literature; gender; feminist aesthetics; female cordel writers; woman art

DATA DE APROVAÇÃO: 04 de Abril de 2025.

1 INTRODUÇÃO

O cordel é chão de palavras, caminho que se desdobra em versos, história que se espalha ao vento, às vezes impressa no papel, entalhada na madeira, escrita na parede, desenhada na alma. Como uma raiz profunda que resiste ao tempo, tal literatura popular nordestina tem sido, por séculos, território de narrativas que contam o mundo com rima e cadência. Mas, por muito tempo, esse território teve dono certo: a voz que ecoava nos folhetos era quase sempre

masculina, e os olhos que liam, muitas vezes, esqueciam das mulheres que, entre costuras e silêncios, também tramavam poesia. Ainda assim, elas sempre estiveram lá, escrevendo com mãos firmes, semeando palavras no papel e na memória.

Na Casa de Cordel de Cupira, Pernambuco, algumas mulheres vem reescrevendo essa história, não por querer apagar o que foi antes, mas para ampliar e abrir novos caminhos dentro dessa tradição. São cordelistas que fazem da poesia um gesto de resistência e da rima um lugar de pertencimento. Seus versos narram lutas, afetos, cotidianos e encantamentos, desenhando um universo onde a cultura popular é também espaço feminino, plural e pulsante. No entanto, suas trajetórias ainda são pouco conhecidas, pouco estudadas, como se suas vozes, tão potentes nas estrofes dessa poesia metrificada, ainda precisassem furar as paredes do esquecimento.

Diante do apagamento artístico que a figura feminina sofreu, e ainda sofre, na produção da literatura de cordel, a presente pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre as categorias de gênero presentes nas produções das mulheres da Casa de cordel de Cupira a partir do imaginário e de uma estética feminista. Como objetivos específicos, buscamos compreender como as obras produzidas das cordelistas da Casa do cordel possibilitam pensar sobre as representações simbólicas da categoria 'gênero' para a construção de uma estética feminista; identificar os principais sentidos estéticos presentes nas obras das cordelistas; e analisar as representações simbólicas da categoria gênero presentes na produção dessas mulheres sob uma perspectiva feminista.

Esta pesquisa se lançou como um ponteiro de luz na vastidão da pesquisa acadêmica buscando preencher a lacuna que ainda obscurece o papel essencial das mulheres na literatura de cordel, bem como contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero e poder na cultura brasileira. O artigo contempla ainda algumas reflexões: as simbologias contidas nas obras produzidas por Neide Torres e Grazielle Maria, membras da da Casa de Cordel (Cupira-PE), permitem cogitar o modo pelo qual as cordelistas representam as questões de gênero? Qual a centralidade dos elementos estéticos e feministas no fazer artístico das cordelistas? Quais elementos ligados ao cotidiano das cordelistas são materializados nas simbologias presentes nas obras e nos trabalhos compartilhados? Nesse sentido, e com fundamento nas discussões teóricas sobre Estética, Sensibilidades e Feminismo, esta pesquisa consiste em repensar as categorizações de gênero com base em premissas não-redutoras.

A estratégia metodológica escolhida para essa travessia foi a cartografia sensível proposta por Suely Rolnik (2016), uma maneira de caminhar junto, de escutar com os pés, de registrar com o corpo. Busquei, então, seguir pegadas, mas sem trilho fixo, sem moldura rígida.

Diferente dos mapas convencionais, que delimitam territórios com linhas precisas, este método permite desenhar percursos em movimento, acompanhar os afetos que atravessam as histórias, capturar os ecos que se fazem presentes entre uma palavra e outra. Aqui, não se trata apenas de registrar o que as cordelistas dizem, mas de perceber como dizem, o que sentem ao dizer, quais caminhos suas vozes percorrem antes de virarem versos.

Estudar a presença das mulheres na literatura de cordel é mais do que uma necessidade acadêmica, é um gesto de reconhecimento, um convite para observar essa arte de uma forma mais ampla, considerando também as mãos femininas que a escrevem. A cultura popular sempre foi um espaço de disputas, de permanências e transformações. A obra das cordelistas da Casa de Cordel, da qual também faço parte, demonstram que a tradição não é estática, mas sim um rio que corre, levando consigo novas narrativas, novos sentidos. Ouvi-las, compreendê-las, mapear suas experiências não foi apenas um exercício de pesquisa, mas uma forma de dar visibilidade ao que, tantas vezes, foi contado de modo fragmentado, ou sequer contado.

1.1 Se fez poesia e desde então nunca mais parou: sobre uma poeta pesquisadora

Em 2015, aos 13 anos de idade, durante uma aula de História ministrada pela professora Neide Torres. Dias antes meu irmão havia me apresentado a poesia em forma de poema para apresentar durante a aula de História. Achei incrível! Lá estava eu dentro de uma sala do primeiro ano do ensino médio, aos treze anos, encontrando espaço para ser e fazer arte. Desde então, nunca mais parei. A poesia não me invadiu, foi me visitando aos poucos, tal qual uma amizade nova que aos poucos vai conhecendo e entendendo o que para a gente significa.

Com o passar do tempo fui me sentindo cada vez mais acolhida, com sentimento de pertencer a algo. Lembro-me que uma vez ao declamar um poema, que para mim não tinha sentimento algum, vi um professor chorar. Observei a cena meio que sem saber o que fazer, mas esse momento me marcou. Fiquei por um bom tempo tentando entender o porquê de aquelas palavras fazê-lo chorar se não se tratava de palavras tristes.

A partir dessa experiência, passei a prestar mais atenção ao público que me assistia, observando quem me observa e não me observa, tentando entender o que não precisa ser entendido. Comecei a perceber que cada pessoa é única, apesar de já ser óbvio para alguns, entendi que independente do tema que eu estivesse falando cada pessoa irá reagir de uma forma distinta da outra. Passei um bom tempo refletindo sobre o que pode ter feito o professor derramar suas lágrimas. Terá sido uma palavra, o título do poema, a forma como declamei ou tudo isso somado a circunstância dele estar lá naquele mesmo ambiente e a memória chegar

de repente através de algum dos sentidos. Percebi que a poesia chega para todos de maneira diferente.

1.2 Acolhimento e continuação da arte: a atuação social de mulheres na manutenção da literatura de cordel

Durante as aulas de História da professora Neide, passei a ter mais contato com a literatura de cordel. Tenho recordações dela explicando sobre a sextilha, a estrutura de uma estrofe de cordel. Era sublime estar em contato com outra linguagem artística tão próxima ao meu cotidiano e com um vocabulário fácil de entender. Naquele espaço, aprendemos sobre nossa literatura, sobre nossa cultura.

Em 2017, participei de um concurso de cordel em Caruaru. Por não conhecer ainda todas as métricas, enviei o texto para o professor de Português Carlos Soares, cordelista e esposo da professora Neide. Ele, gentilmente, corrigiu e me inscreveu no concurso. Fui uma das cordelistas selecionadas e, no dia da entrega das premiações, conheci Grazielle Maria, que também havia sido selecionada. Nesse dia, percebi que o trabalho que a professora Neide e o professor Carlos faziam era encantador. Via neles o desejo de visibilizar e divulgar a arte, sempre buscando novas pessoas para conhecer o mundo da literatura de cordel.

Os professores Neide e Carlos residem em Cupira, uma cidade do agreste Pernambuco, lugar onde as histórias se entrelaçam com as paisagens, formando um espaço profundamente marcado pelas vivências dos habitantes. No ano de 2017, durante a primeira Semana Multicultural, evento importante do município, Neide e Carlos fundaram a Casa do Cordel de Cupira com o objetivo de divulgar a cultura, incentivar a arte do cordel, resgatar e unir antigos cordelistas e escritores do município, bem como, descobrir e formar novos cordelistas e declamadores.

Em 2019, fui convidada pela professora Neide para declamar no evento da Semana Multicultural. Aceitei o convite, fiz minha apresentação e no final fui convidada para me tornar membra da Casa de Cordel. Comentei que iria pensar sobre o convite, mas não demorei muito e logo aceitei. Grazielle, a cordelista que conheci no dia da premiação do concurso, tornou-se também membra da Casa do Cordel de Cupira. Nosso percurso de entrada nesse mundo da literatura foi parecido, da mesma forma que eu, Grazi, como carinhosamente a chamo, começou a escrever na escola por influência do professor Carlos, conhecido também como Carlinhos Cordel. Atualmente a Casa conta com 13 (treze) membros, desses 3 (três) são mulheres: a professora Neide Torres (fundadora), Grazielle Maria e eu, Renata Samira. Grazi reside em Cupira-PE e eu na cidade de Panelas-PE. Neide minha professora e Carlos

professor dela, as duas poetas e declamadoras, as duas cordelistas da Casa do Cordel de Cupira, as duas mulheres.

2 METODOLOGIA

A decisão de desenvolver a pesquisa com as cordelistas da Casa do Cordel de Cupira se deu por fatores que a tornam um espaço singular dentro do cenário do cordel em Pernambuco. Embora existam instituições importantes dedicadas à literatura de cordel, como a Academia de Literatura de Cordel de Caruaru e a Casa das Mulheres Cordelistas de Petrolina, que faz parte de um recorte exclusivamente feminino, além de referências fora do estado, como a Casa do Cordel de Natal-RN, a Casa de Cordel de Cupira apresenta um contexto propício para a discussão da presença e os desafios das mulheres no meio literário.

Inicialmente, considerei estudar a Academia de Literatura de Cordel de Caruaru, mas encontrei dificuldades para entrar em contato com algumas cordelistas e para obter suas obras. Essa limitação comprometeria o andamento do trabalho, uma vez que a pesquisa depende diretamente da leitura e interpretação dos cordéis produzidos por essas mulheres. Além da proximidade com as cordelistas e da facilidade de acesso às suas obras, a Casa do Cordel de Cupira reflete uma realidade mais comum na tradição do cordel, em que as mulheres ainda são minoria, embora desempenhem um papel fundamental para o desenvolvimento, manutenção e divulgação da arte do cordel.

Certa vez ouvi falar que a pesquisa se torna mais interessante quando realmente estamos inseridas não por obrigação do fazer, mas por estar no nosso cotidiano vivenciando o problema, estando em sentimento, em corpo, em alma. Nesse sentido, e considerando que na Casa do Cordel de Cupira também estou em poesia, optei por pesquisar as obras de mulheres que, como eu, transformam suas vivências em arte.

Após alguns anos escrevendo e declamando poesias comecei a perceber que a quantidade de autores e autoras cordelistas que eu conhecia era bastante desigual. Comecei a notar o apagamento da mulher no cordel, me fazendo questionar o porquê de não sermos vistas. Decidi, então, pesquisar sobre mulheres, que tanto me ensinam, escrevem e são importantes para a literatura de cordel. Pois pesquisar sobre essas mulheres tornou-se um ato de memória e resistência, onde percorri, mais do que analisei, os caminhos das mulheres cordelistas da Casa de Cordel de Cupira-PE.

Nesta cartografia sensível (ROLNIK, 2016), baseada no registro dos afetos, das experiências e dos movimentos, percursos individuais se entrelaçam. Escrever sobre Grazielle e Neide também é escrever sobre mim, porque nossa caminhada na poesia é coletiva, traçada entre versos, encontros e resistência. É compreender como suas vozes ressoam, resistem e transformam a tradição do cordel. É escrever sobre mulheres que, assim como eu, tantas vezes são invisibilizadas, mas que estão ali, dando continuidade à arte.

Este estudo adota a cartografia sensível, conforme proposto por Suely Rolnik (2016), como método de investigação qualitativa. Rolnik sugere que a escolha de habitar o ilocalizável depende da pessoa, que deve aguçar sua sensibilidade em relação à latitude do ambiente, é sobre a capacidade de lidar com o que é impreciso ou indefinido, por meio da sensibilidade e da percepção de como o ambiente e o contexto afetam essa experiência. A cartografia não busca apenas descrever ou classificar realidades, mas acompanhar os processos de subjetivação e os fluxos de sentido que atravessam as experiências das cordelistas da Casa de Cordel.

Diferentemente de métodos tradicionais, entende a pesquisa como um ato de escuta e afetação, acompanhando a produção de sentido no campo estudado. Assim, ao invés de estabelecer categorias fixas, este método valoriza o encontro dos sujeitos, pois eu enquanto pesquisadora pude ter uma relação interativa em construção coletiva com o que pesquisei, assim como também valoriza a dimensão subjetiva e o olhar para os fluxos e rupturas, já que compreendemos que os relatos e experiências das cordelistas não são apenas fontes de dados, mas produções de subjetividade em constante transformação, a qual buscamos mapear os movimentos, tensões e transformações no campo, sem impor um modelo fechado de interpretação.

A pesquisa foi realizada junto com as cordelistas da Casa de Cordel de Cupira-PE, utilizando estratégias sensíveis para captar suas narrativas e experiências. O principal meio que utilizei foi a conversa cartográfica, que se diferencia da entrevista tradicional, por não seguir um roteiro rígido, permitindo assim um diálogo mais fluido. Essas conversas foram momentos de partilha de histórias, desafios e afetos, possibilitando a construção de um mapeamento de subjetividades e das experiências dessas mulheres.

Para a análise dos cordéis, adotei a abordagem qualitativa que busca identificar e interpretar os principais temas presentes nas narrativas das cordelistas. Essa análise permite compreender como as questões relacionadas à estética feminista se manifestam nos textos, considerando elementos como a construção das personagens, os enredos, as relações de poder e as representações de gênero. Inicialmente foi realizada uma leitura exploratória dos cordéis

selecionados.

Em seguida categorização dos temas identificados, considerando a presença de discursos que desafiam estereótipos de gênero, promovam protagonismo feminino ou expressam formas de resistência e reivindicação dentro do universo do cordel. A análise dos cordéis foi feita com base nos estudos sobre estética feminista de Claire Raymond (2019) e Luana Tvardovskas (2015), nos conceitos sobre gênero a partir de Simone Beauvoir (1967) e Judith Butler (2003) e na reflexão sobre imaginário e simbolismo proposto por Gilbert Durand (2001), buscando articular os significados presentes nos textos com as experiências subjetivas das cordelistas.

Ao adotar essa abordagem, a pesquisa visa não apenas categorizar os temas presentes nos cordéis, mas também entender como essas narrativas se inserem em um contexto mais amplo de transformação e valorização das vozes femininas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo De Faria Grillo (2007):

Até o início do século XX, o espaço da informação, do saber e, por extensão, do poder era de âmbito exclusivamente masculino; as mulheres, tolhidas em seus movimentos, controladas em suas iniciativas, pensamentos e leituras, deveriam dedicar-se somente à esfera doméstica (DE FARIA GRILLO, 2007, p. 127)

Diante desse contexto, imaginemos um caminho de terra batida, onde, por muito tempo, só se viam pegadas masculinas. As mulheres sempre estiveram ali, caminhando ao lado, mas seus passos eram apagados pelo tempo, pelo silêncio imposto, pela falta de espaço para contar suas próprias histórias. Na literatura de cordel, essa estrada foi, por muitos anos, trilhada apenas por vozes masculinas. Os versos falavam do mundo a partir do olhar dos homens, e as mulheres apareciam quase sempre como personagens secundárias, aprisionadas em papéis de submissão, fragilidade ou devoção.

Simone de Beauvoir destaca que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9), evidenciando que o papel feminino não é um destino biológico, mas uma construção social que impõe limites à atuação das mulheres em diversos campos, incluindo o literário. No caso do cordel, essa construção histórica excluiu a mulher como autora legítima, relegando-a a uma posição secundária tanto nos temas abordados quanto na possibilidade de assinar seus próprios textos.

Para entender o imaginário que se constitui é essencial analisar como essas narrativas moldam a percepção do feminino. Segundo Durand (2001) o imaginário orienta e organiza a

forma em que percebemos a realidade e durante muito tempo o imaginário do cordel esteve concentrado em arquétipos masculinos que reforçaram a subalternidade da mulher. Apesar de toda força contrária, os ventos mudaram. Em meio à poeira dessa estrada, surgiram novas pegadas. Mulheres começaram a ter acesso à escrita e passaram a construir seus próprios versos, a escrever sobre suas vidas, suas dores e suas conquistas. Seus cordéis relatam sobre a violência que enfrentam, sobre a desigualdade que as cerca, mas também sobre a liberdade que buscam e a força que carregam.

Cada poema contribui para a construção de algo novo. Onde antes havia apenas muros, elas abriram janelas. Onde antes havia apenas vozes masculinas contando suas versões, elas trouxeram outras perspectivas, outras verdades. As personagens femininas deixaram de ser apenas donzelas à espera de um destino e passaram a ser guerreiras, trabalhadoras, líderes, sonhadoras.

As autoras Claire Raymond (2019) e Luana Tvardovskas (2015), propõem que a arte feita por mulheres muitas vezes subverte as estruturas tradicionais e dá voz a experiências historicamente marginalizadas, fazendo emergir o que conceituam como estética feminista. E foi assim, pouco a pouco, que o cordel se transformou. O caminho antes estreito começou a se alargar. As pegadas femininas se tornaram marcas profundas, impossíveis de apagar. Agora, seus versos ecoam, desenhando novas rotas e inspirando outras mulheres a seguirem por essa estrada, deixando suas próprias marcas, contando suas próprias histórias.

De acordo com Queiroz (2006), a falta da autoria feminina nos folhetos impressos pode ser atribuída às funções que tradicionalmente são designadas às mulheres em uma sociedade patriarcal colonial, funções essas que contribuem para o silêncio e reclusão das mulheres tanto no cenário público da vida cultural quando na documentação das histórias literárias. Como citam Souza e Santos:

Mulheres escrevendo cordéis parece novidade, algo contemporâneo, mas não é bem assim. Mesmo em tempos em que a mulher era criada e educada para seguir seu único destino – casar-se, cuidar dos afazeres domésticos e da família – já havia mulheres escrevendo, tentando subverter essa lógica patriarcal que oprime e reduz o feminino a todo tempo. A exemplo disso, no mundo do cordel, encontra-se a autora Maria das Neves Batista Pimentel, hoje conhecida como a mãe do cordel brasileiro, pois foi a primeira mulher a publicar folhetos, em 1938, com o cordel *O violino do diabo ou o valor da honestidade*, publicado e vendido na livraria do seu pai em João Pessoa (SOUZA; SANTOS, 2023, p. 66).

Contrariando o estado das coisas, em um tempo onde apenas os nomes masculinos

ganhavam espaço nos folhetos de cordel, Maria escreveu. Seus versos nasceram com força, carregavam verdades, mas não podiam carregar seu nome. Para ser lida, precisou vestir outro rosto, assinar como Altino Alagoano. Seu próprio nome, sua identidade, ficaram ocultos entre as linhas, como se não pudessem existir no papel. Essa travessia pelo anonimato não foi escolha, mas necessidade.

Judith Butler comenta que os papéis de gênero são ritualizados cotidianamente criando a ilusão que o gênero é algo natural, intrínseco ao ser masculino e feminino. A diferenciação de gênero baseada no sexo biológico, foi utilizada ao longo do tempo para determinar quem teria acesso aos espaços públicos e quem seria relegada ao espaço privado. A necessidade de Maria Pimentel de utilizar um pseudônimo masculino para expor seu trabalho reforça o que Butler defende em sua teoria sobre os gêneros. O peso da exclusão fez com que muitas outras mulheres também caminhassem por essa estrada, publicando em segredo, disfarçando-se para que suas palavras fossem aceitas e apreciadas.

Atualmente, os nomes ocultos começaram a emergir. O caminho, antes estreito, se alargou. As palavras que antes precisaram se esconder agora ganham luz, e as pegadas dessas mulheres, antes apagadas pelo tempo, tornam-se marcas permanentes na história do cordel.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Entre força e potência

A partir das conversas e encontros com Neide e Grazielle na Casa de Cordel, pude perceber o quanto os seus versos trazem resistência e sensibilidade. Em uma das conversas, a cordelista Grazielle me falou sobre o apoio familiar que tinha referente a sua arte. Comecei a perceber que não somente ela, como também Neide, tinham esse espaço de conforto, já que seu esposo Carlos foi quem sempre a incentivou a escrever cordéis.

Grazielle me falava o quanto também observava que os cordéis, assim como outros textos por homens escritos, tinham uma linguagem diferente dos das mulheres, e que ela conseguia enxergar e sentir mais afeto nos textos escritos por mulheres. Por coincidência, em uma das minhas conversas com a cordelista Neide, escutei ela falar que em suas aulas de História conseguia mais se aproximar das meninas e que normalmente quando conseguia trazer alguém para o mundo da poesia eram meninas.

Conversamos sobre essa aproximação e relação de afeto que se criava devido à partilha de vivências de mulher para mulher. Neide me contou que conheceu o cordel ainda muito nova,

na feira livre, que costuma ir com sua mãe. Compartilhou comigo que todo dia de feira livre tinha que ir e comprar um cordel e escutar as declamações. Ao escrever o cordel “Amor de mãe tem a cura” buscou homenagear sua mãe que sempre se fez presente na sua construção como cordelista e mulher, mas aproveitou para divulgar esse cordel e homenagear outras mães também.

Em conversas com as duas, pude refletir sobre a necessidade que têm de expor e reivindicar seus direitos. Comentaram comigo que seus cordéis de crítica social sempre abordam questões que viverem. Neide busca relatar sobre suas experiências como uma mulher madura, mãe, professora e cordelista. Grazielle, uma jovem mulher recém inserida no mundo profissional da literatura de cordel. Apesar da diferença de contextos e idade, seus cordéis retratam a força feminina e potência de conseguir descrever, através da sua arte, sentimentos e experiências reais.

4.2 Entre linhas e laços

Durante a fase de leitura e seleção dos cordéis, encontrei o cordel “Minha família” (Cordel 1) de autoria de Grazielle Maria. A delicadeza e a profundidade de seus versos me tocaram de uma maneira singular. A cada leitura, me entregava mais, me debruçando sobre aqueles versos, buscando sentir o que ela queria transmitir. Não era apenas a leitura do texto, mas um mergulho em suas emoções, nas suas lembranças, nas suas histórias.

Em uma de nossas conversas, compartilhei com Grazielle o quanto aquele cordel havia me tocado. Ao ouvi-la declamando, vi seus olhos brilhando como se cada palavra fosse um pedaço de sua alma sendo compartilhado. O sorriso que se formou em seu rosto não apenas iluminou o momento, mas preencheu o ambiente com uma energia única. Era como se, ao falar sobre sua família, ela oferecesse um pouco de si mesma a cada palavra, e eu, como uma testemunha sensível, sentia o eco disso dentro de mim.

Cordel 1: Minha família

Escrevi este cordel
Para um pouco demonstrar
A minha bela família
Tenho prazer em falar
Desses tão belos tesouros
Dos quais, sempre vou cuidar

Vou começar por mamãe
Ô que mulher avexada!
Cozinheira Graciete
Faz uma comida arretada
Deixa a casa sempre limpa

É bastante organizada

Ela é mesmo uma guerreira
Sempre soube superar
Todas as dificuldades
Sem deixar de acreditar
Que elas eram passageiras
Deus iria aliviar

Amável e carinhosa
É bastante solidária
Sempre ajuda a quem precisa
É mulher humanitária
De um coração enorme
Ela é extraordinária

Quando ela fica estressada
Ainda tendo razão
Chega a nos dar muito medo
Falo sério, meu irmão
É melhor ficar calado
Num mexa com ela não

Tudo sempre está em ordem
Ela é perfeccionista
Se alguém arrumar a casa
Ela confere, é analista
Se tiver algo de errado
Vá logo baixando a crista

Apesar dessas resenhas
Ela é muito vulnerável
Uma mãe de qualidade
É bastante responsável
Vem mostrando seu melhor
Bem sincera e confiável

O meu pai é Damião
Disposto e bem generoso
Destaca-se no trabalho
Com seu jeito habilidoso
Um agente de endemias
Brincalhão e muito honroso

Um cara que tem presença
Tá sempre bem-humorado
Se vier com falsidade
Nada certo, tudo errado
Não venha com mimimi
Pois ele fica alterado

Mentira pra ele é crime
Da verdade é defensor
Tem os melhores conselhos
Parece até professor
Rela as dificuldades
Com seu senso de humor

Tem toda simplicidade
É solidário e modesto

Ele trabalha com amor
Um coordenador honesto
Faz seus colegas sorrirem
Só fazendo um simples gesto

Às vezes, lento demais
Às vezes, precipitado
Os motivos já não sei
Só parece preocupado
Por algo desagradável
Assim é meu pai amado

Um homem trabalhador
Disposto e admirável
Com fama de humorista
De modéstia imensurável
Assim não tem quem não goste
De alguém tão agradável

Por fim, minha irmã Dayane
A nossa atriz talentosa
Pois com seu jeito animado
Muito meiga e carinhosa
Sempre nos trazendo orgulho
Por ser tão estudiosa

Uma menina simpática
Bastante descontráida
Ela anima toda a casa
Quebra tudo, é distraída
E quando tenta omitir
Fica logo sem saída

Ela é muito brincalhona
Às vezes, é debochada
Se quebra alguma coisa
Já fica desconfiada
Não consegue controlar
É muito desmantelada

Sempre vaidosa e saudável
Não deixa de se cuidar
Se tem oportunidade
Lá vai ela caminhar
E ressaltando o seu lema:
“Nós temos que nos amar”

Tirar dez, é de costume
Continua dedicada
Onde chega cumprimenta
É uma jovem educada
E com seu jeito otimista
Sempre foi determinada

Aluna muito esforçada
E bastante inteligente
Leva a vida numa boa
Sempre foi resiliente
É gentil, religiosa
E também é boa gente

Finalizo por aqui
A minha declaração
Da minha amada família
Que levo de coração
Muito obrigada, leitor
Por toda sua atenção
(Graziele Maria, 2021)

Ao caminhar pelos versos do cordel de Grazielle, senti que adentrei um território afetivo, onde a representação simbólica da categoria gênero se entrelaça com a vida cotidiana. Cada estrofe desenha um retrato íntimo, não apenas da família da autora, mas também dos papéis sociais que se constroem dentro dela. Segundo Silva (2023) as mulheres, além de serem influenciadas pelos contextos sociais em que vivem, também passam a usar suas próprias experiências como base para seus escritos, criando e divulgando poemas que abordam temas que vão desde questões familiares à políticas.

Este cordel de Grazielle me permitiu refletir sobre as relações de gênero no seio familiar e como a escrita de mulheres contribui para construção de um imaginário feminista no contexto da literatura de cordel. A narrativa começa com a figura materna. Grazielle apresenta a mãe como uma mulher trabalhadora, organizada e dedicada, mas também emocionalmente forte e solidária. Ao mesmo tempo, evoca elementos do imaginário tradicional, como a expectativa de que a mulher cuide da casa e dos filhos com excelência. Ao evidenciar tais aspectos, o cordel provoca um olhar atento para as contradições e potências das representações femininas na cultura.

A narrativa faz emergir uma estética feminista ao valorizar as múltiplas funções que as mulheres desempenham na família, muitas vezes invisibilizadas. Claire Raymond (2015) argumenta que, desafio de afirmar uma estética feminista está relacionado tanto à carga simbólica e culturalmente desvalorizada atribuída ao conceito de “mulher” quanto às dificuldades teóricas envolvendo a noção de estética e sua conexão com a política.

Nesse sentido, o cordel retrata uma figura feminina, a mãe, a partir de características tradicionalmente associadas ao feminino, como a organização, o cuidado com a casa e a comida, a solidariedade e a responsabilidade. No entanto, o poema também ressalta sua força, resiliência e poder de comando, rompendo parcialmente com a visão passiva da mulher.

Seguindo adiante, Grazielle nos apresenta seu pai, representado como trabalhador, bem-humorado e justo. Sua postura firme e sua honestidade destacam um modelo de masculinidade baseado no respeito e na responsabilidade. Diferente de muitos retratos

tradicionais, ele não se distancia da família nem assume um papel autoritário, ao contrário, é solidário e acessível, construindo relações de afeto dentro do lar.

Chegando ao final do cordel, a irmã é apresentada como uma jovem talentosa, estudiosa e vaidosa. Sua trajetória sugere uma quebra de estereótipos ao evidenciar que ser brincalhona e distraída não a impede de ser determinada e inteligente. Assim, o cordel ressignifica o papel da mulher jovem, apresentando-a como alguém que pode equilibrar diferentes características sem ser reduzida a uma única identidade.

O sentido estético desse cordel se constitui na leveza e no carinho com que a sua família é descrita. A oralidade e o ritmo reforçam a ideia de pertencimento, como se a própria tradição do cordel fosse um laço familiar que une passado e presente. O tom humorístico, principalmente ao descrever os momentos de tensão e distração dos personagens, também aproxima a narrativa do leitor, tornando-a mais acessível e envolvente.

A obra de Grazielle Maria, da Casa de Cordel de Cupira, se configura como um exemplo de como a literatura de cordel pode refletir sobre questões de gênero, identidade e pertencimento dentro de uma estética feminista. Ao entrar em contato com sua obra e experiências de vida, percebi que o cordel “Minha família” não é apenas uma homenagem familiar, mas também um registro da complexidade das relações de gênero dentro do ambiente doméstico. Ao mesmo tempo que reforça valores tradicionais, também abre espaço para novas interpretações, permitindo que a família seja vista como um espaço de afeto, mas também de transformação.

Outro cordel sobre laços de afeto familiares é o “Amor de mãe tem a cura”, de Neide Torres. Fui levada a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os cordéis de Grazielle e Neide. Enquanto Grazielle narra sua experiência pessoal e íntima, falando sobre sua família, Neide, por outro lado, amplia sua perspectiva e fala das mães em geral, ressaltando a importância que elas têm no mundo e a força do amor materno. O cordel “Amor de mãe tem a cura” busca dar voz e visibilidade ao papel universal das mães, demonstrando como o amor materno tem um poder transformador e curador.

Cordel 2: Amor de mãe tem a cura

Mãe está sempre presente
 É sinônimo de amor
 Cura males, também dor
 É médica competente
 Está sempre consciente
 Ela é um anjo também
 É digna de parábem
 Faz um monte de loucura
 Amor de mãe tem a cura

Que a medicina não tem
 Pra toda mãe entender
 Que seu amor tem valor
 Curando até nossa dor
 Precisamos compreender
 Simplesmente reconhecer
 O quanto ela nos faz bem
 Igual ela não há ninguém
 Nosso anjo de candura
 Amor de mãe tem a cura
 Que a medicina não tem
 (Torres, 2020)

Ao refletir sobre o “Amor de mãe tem a cura” (Cordel 2), percebi que a figura da mãe emerge como um símbolo de amor incondicional, cuidado e força, reforçando um imaginário que valoriza sua presença, mas também nos leva a refletir sobre as expectativas culturais atribuídas às mulheres na maternidade.

Logo de início, fui envolvida pela imagem da mãe como uma curadora emocional e física, alguém que está sempre presente para aliviar dores e sofrimentos. Essa representação carrega um sentido estético profundamente ligado ao arquétipo da maternidade como sinônimo de proteção e sacrifício. À medida que avançava na leitura, fui percebendo que o cordel reforça a importância de reconhecer o amor materno e sua influência na vida dos filhos. No cordel “Amor de mãe tem a cura”, percebemos a manifestação de uma estética feminista quando a autora valoriza a mãe como uma figura essencial, mas também ao nos convidar a enxergar sua dedicação como algo que merece ser compreendido e retribuído.

Beauvoir (1967) argumenta que a revolta tende a ser mais intensa quanto maior for o número de vezes em que a mãe perde seu prestígio, pois a falta de reconhecimento e valorização da figura materna pode gerar um sentimento de frustração e revolta. O poema da cordelista Torres nos lembra que a maternidade não deve ser invisibilizada ou naturalizada, mas sim reconhecida como um ato de entrega que demanda respeito e valorização.

Seus versos são simples, mas carregados de emoção, construindo um ritmo que aproxima o leitor e intensifica a mensagem. A musicalidade da rima e a repetição desse conjunto de versos, o mote, da ideia de que “amor de mãe tem a cura que a medicina não tem” criam um efeito de reforço, tornando essa verdade incontestável dentro do universo do cordel. Esse sentido estético aproxima a obra da tradição oral, onde a repetição fortalece o impacto emocional da mensagem.

Analisando esse percurso poético delineados pelos versos de Torre, percebo que a jornada proposta pelo cordel não é apenas uma homenagem, mas também um convite à reflexão sobre

o lugar da mãe na sociedade. A obra se insere no contexto da Casa de Cordel de Cupira não apenas como uma reafirmação do papel materno, mas também como uma sutil provocação: se o amor de mãe tem um poder tão grande, por que tantas vezes seu esforço passa despercebido? Assim, mesmo dentro de um tom de exaltação, o cordel nos leva a refletir sobre a maternidade dentro de uma perspectiva feminista, onde o cuidado e o amor também precisam ser reconhecidos, valorizados e retribuídos.

4.3 Entre versos e conquistas: resistência

A história da arte, por muito tempo, foi dominada por uma visão masculina, tanto na produção quanto no reconhecimento das obras. As mulheres, quando representadas, eram frequentemente retratadas sob uma perspectiva estereotipada, limitando sua atuação e participação ativa no campo artístico. De acordo com Silva e Carvalho (2021) a maneira como as mulheres foram e ainda são representadas nas obras de arte, juntamente com o grande número de artistas homens em comparação ao pequeno número de mulheres reconhecidas, leva à reflexão sobre as dificuldades enfrentadas por elas ao longo da história da arte para conquistar esses espaços. Embora haja avanços em direção à igualdade, a trajetória das mulheres na arte continua a ser marcada por desafios que exigem reflexão e ação para garantir uma representação mais justa e equilibrada.

Durante a leitura de “Mulher: Espaços e conquistas” (Cordel 3) da cordelista Grazielle, caminhei por um trajeto em que a categoria gênero se manifesta em cada verso. Essa jornada poética nos conduz pela história das mulheres, suas lutas e conquistas, formando um imaginário feminista que ressignifica a literatura de cordel.

Cordel 3 - Mulher: Espaços e conquistas

A multidão feminina
Luta por sua igualdade
Pelo reconhecimento
É mais oportunidade
Quer garantir seu lugar
Em toda a sociedade

O mercado de trabalho
Ainda é um local
Que a mulher mais se depara
Com um valor desigual
Também no campo esportivo
Social, profissional

Mas elas nunca se rendem
A todo esse preconceito
Isso as tornam poderosas
E dignas de respeito

Por lutar com muita garra
Mas sempre do melhor jeito

A autora Nisia Floresta
Em sua publicação
Defendeu nossas mulheres
Com a determinação
No século mil e oitocentos
Trinta e dois, ano em questão

As mulheres conquistaram
O acesso à faculdade
Foi lá em mil e oitocentos
Setenta e nove a idade
Mesmo com todas as críticas
Dentro da sociedade

E teve o direito ao voto
Mais uma grande conquista
Após organizar seu
Movimento feminista
Foi no ano trinta e dois
Seu direito sufragista

Primeira delegacia
Feminina foi criada
No ano oitenta e cinco
No país foi implantada
Com ação de proteção
Bastante especializada

Outra conquista marcante
No combate a violação
A Lei Maria da Penha
Contra qualquer agressão
Tenta trazer a mulher
Um pouco de proteção

Mas ela segue lutando
Sempre pelo o que ela quer
Sabe que é muito capaz
Um exemplo de mulher
E sabe que pra vencer
A persistência, requer
(Graziele Maria, 2021)

O texto (Cordel 3) de Grazielle não apenas narra acontecimentos, mas também constrói uma estética feminista, que fortalece a identidade e a representatividade das mulheres nesse espaço literário, pois como aponta Butler (2003) o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representar as mulheres é fundamental para garantir a sua visibilidade política e social.

No início de seu cordel, Grazielle denuncia a desigualdade enfrentada pelas mulheres no mercado de trabalho, no esporte e na sociedade. O tom da narrativa exalta a resistência feminina diante dessas barreiras, reforçando um discurso de força e determinação. As

mulheres são retratadas como agentes de transformação, desafiando um sistema que historicamente as excluiu.

Seguindo Luana Tvardovskas (2015), o feminismo tem como prioridade desconstruir o dualismo entre mente e corpo, que historicamente associou as mulheres ao corpo, à natureza e às emoções, enquanto vinculou os homens à mente, à cultura e à razão. Contrariando a visão masculinista, muitas cordelistas como por exemplo Neide e Graziele, se utilizam da arte para abordar temas complexos e criticar injustiças, denunciando a desigualdade de gênero e dando voz a experiências femininas que antes eram marginalizadas. Dessa forma, elas contribuem para a desconstrução da visão tradicional que associa as mulheres apenas ao corpo e às emoções, mostrando que são também protagonistas na cultura e no pensamento crítico.

Algumas pessoas e marcos têm sido significativos na luta das mulheres, a exemplo de Nísia Floresta, defensora da educação para mulheres; o movimento sufragista, que garantiu o direito ao voto; a criação da primeira delegacia da mulher; e a Lei Maria da Penha, um símbolo de proteção contra a violência de gênero. Esses elementos não são apenas fatos históricos, mas também sentidos estéticos que estruturam a narrativa, trazendo um olhar feminista para a literatura de cordel.

A cada passo dado nesta cartografia, percebi que essa jornada não é linear nem está concluída. As pegadas deixadas pelas mulheres do passado hoje guiam as mulheres do presente. O cordel de Graziele nos lembra disso, de que as conquistas femininas resultam de mobilização e resistência, e de que essa luta continua sendo necessária.

Gilbert Durand (2001) menciona que a arte, muitas vezes, é vista como uma expressão autêntica de uma função psicossocial, em vez de ser compreendida em seu sentido profundo e mais amplo. As obras de arte são frequentemente consideradas apenas como uma mensagem desconectada da realidade, algo irreal. Assim, a arte de cordel se configura como uma forma legítima e relevante de manifestação cultural e psicossocial, que merece ser reconhecida não apenas por sua estética, mas também pelo seu papel fundamental na construção e valorização da experiência feminina. Dessa maneira, a obra da cordelista se insere na tradição da Casa de Cordel de Cupira como uma expressão autêntica da luta das mulheres, consolidando um espaço onde a voz feminina é ouvida e valorizada

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, o caminho cartográfico e sensível do cordel foi percorrido,

explorando o território afetivo e simbólico dos versos que falam da vida, das lutas e das esperanças das mulheres. Como quem anda por caminhos desconhecidos, eu me deixei conduzir pela poesia de Grazielle Maria e Neide Torres, que, com suas palavras, desenham paisagens de amor, resistência e conquistas. Em cada verso, em cada estrofe, encontrei um pedaço de mim, de nossas histórias, de nossas vivências.

O cordel "Minha família", de Grazielle Maria, foi o primeiro ponto de partida dessa jornada. Aqui, encontrei o tecido entrelaçado de afetos, lembranças e identidades. Cada linha, cada verso, me transportou para a intimidade da autora, fazendo-me sentir o calor do lar e as forças que moldam os papéis familiares. A figura materna, como uma rocha firme, sempre atenta, me tocou de maneira profunda. Mas também percebi, nas palavras de Grazielle, as contradições que a cultura impõe às mulheres: ao mesmo tempo que são vistas como cuidadoras e organizadoras, também carregam uma carga invisível que precisa ser desafiada. Ao caminhar por esses versos, eu me vi refletindo sobre a complexidade da mulher dentro da casa, e sobre como o cordel, com sua leveza, pode romper com a rigidez desses papéis e apresentar uma visão mais plural, mais potente.

Mais adiante, o cordel "Amor de mãe tem a cura", de Neide Torres, me levou a um campo de sensações ainda mais pungentes. A presença materna aqui é quase tangível, como um abraço acolhedor que cura a dor e aquece o corpo e a alma. O amor de mãe, em suas palavras, transcende o espaço do papel tradicional da mulher e ressignifica a maternidade, convidando-me a refletir sobre o quanto esse amor é visto como algo natural, mas que na verdade exige reconhecimento e valorização. No entanto, ao ser envolvida por essa poesia, também me perguntei: por que essa cura não é reconhecida? Por que, muitas vezes, o trabalho invisível das mães é esquecido? O cordel de Neide Torres não apenas exalta o amor materno, mas também nos provoca a pensar na importância de dar valor a essa entrega incondicional, a enxergar a mulher em sua totalidade e complexidade.

Então, caminhei para a obra "Mulher: Espaços e conquistas", também de Grazielle Maria. Aqui, o caminho se abriu para um horizonte mais amplo, onde a luta feminina transbordava para além da família, atingindo as esferas sociais, políticas e históricas. Cada verso era como um marco, um ponto de resistência. Vi a mulher como uma guerreira, enfrentando as adversidades do mercado de trabalho, as barreiras da sociedade e as dificuldades do próprio espaço público.

O cordel não me deixou seguir em uma linha reta e linear. Ele me fez percorrer os passos de mulheres que resistiram, que conquistaram. Ao pensar em Nísia Floresta, nas conquistas do voto e da educação, a narrativa se fez mais vibrante, como se o passado e o presente se

conectassem por um fio invisível, guiando a luta das mulheres. Ao mesmo tempo, o cordel me fez questionar: por que ainda precisamos lutar tanto? O que mais falta para que a igualdade se concretize de fato?

Cada um desses cordéis formou, em minha mente, um mapa afetivo, onde as palavras eram como linhas e cores que se entrelaçaram, criando uma rede de significados. As obras selecionadas não apenas falam da vida das mulheres, mas são as próprias mulheres falando. O cordel, como uma forma de resistência, abre o campo da literatura para que essas vozes ecoem, se espalhem e se enraízem. O que percebi ao longo dessa jornada é que, por meio da estética feminista, a literatura de cordel pode se tornar um território de luta, onde as mulheres podem, finalmente, ser ouvidas em sua totalidade, com seus amores, suas dores e suas conquistas.

Cada palavra escrita, cada verso rimado, me convidou a caminhar com os olhos atentos e o coração aberto para as lutas e para a beleza que essas mulheres trazem em suas palavras. Essa cartografia não foi apenas uma análise do que estava escrito, mas uma construção do que ainda precisa ser dito, reconhecido e vivido. O cordel, em sua forma mais simples e poderosa, se torna uma linha de fuga, um lugar de resistência, e, principalmente, um espelho de nossas próprias jornadas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo - II**. Disponível em: <https://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Trad. Renata Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE FARIA GRILLO, Maria Ângela. **Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos**. Esboços: histórias em contextos globais, [S. l.], v. 14, n. 17, p. pp. 123–155, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/1338>. Acesso em: 1 set. 2024.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. 2006. (Mestrado Literatura Brasileira) — Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RAYMOND, Claire. **Pode haver uma estética feminista? Comunicação e Sociedade** [online], v. 32, n. 32, p. 31-44, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/csoc/v32/v32a02.pdf>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SILVA, Ilzy Gabrielle Soares da; CARVALHO, Mario de Faria. **A arte figurativa de mestras-artesãs do Alto do Moura, Caruaru - PE, e os sentidos estéticos e sensíveis sobre questões de gênero**. Trabalho de Conclusão de Curso de Design - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021.

SILVA, Paulo Geovane e. **Imagotipos Femininos na Literatura de Cordel de Autoras Brasileiras**. 2023. Dissertação de Mestrado – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2023. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/107045/1/Dissertacao_Paulo%20Geovane%20e%20Silva.pdf. Acesso em: 04 set. 2024.

SOUZA, Daniela; SANTOS, Alvanita. **De Maria a Isabel, do silêncio ao grito: chega de machismo no cenário e nos versos do cordel**. Jangada: crítica | literatura | artes, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 58–78, 2023. DOI: 10.35921/jangada.v1i20.455. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/455>. Acesso em: 1 set. 2024.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Dramatização dos corpos: arte contemporânea de mulheres no Brasil e na Argentina**. 231p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

APÊNDICE A – CORDEL POESIA

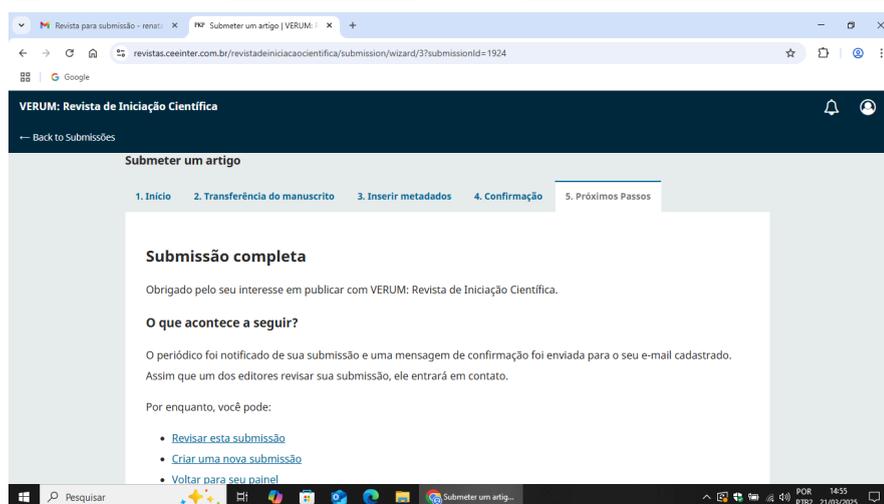
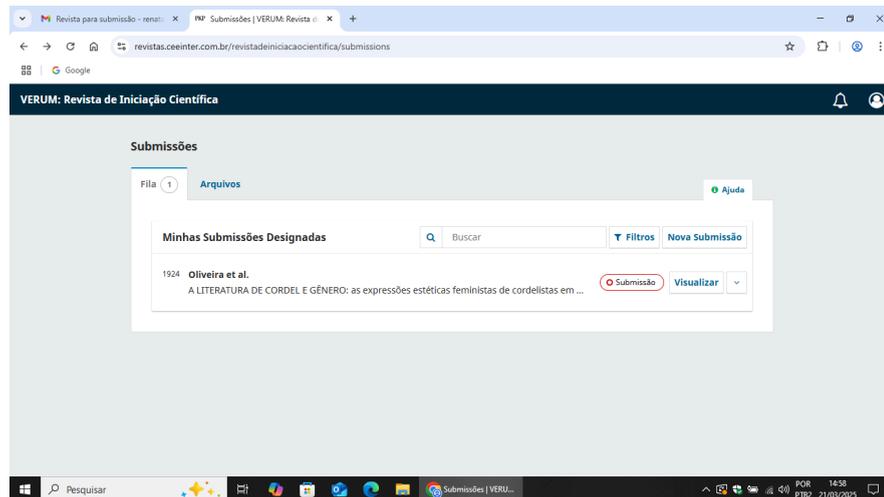
Poesia

Poesia é arte pura
movendo o cidadão
sendo sempre solução
pra tristeza é a cura
com toda sua bravura
te lembra da utopia
sem ela não enxergaria
esperança lá no fundo
o que seria do mundo,
Se não fosse a poesia?

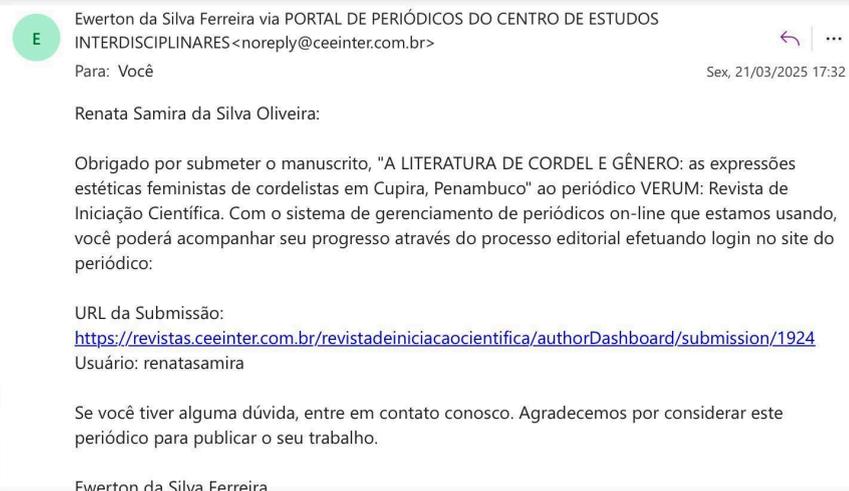
(Renata Oliveira, 2020)

ANEXO A – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO

Comprovante de submissão do artigo “Literatura de cordel e gênero: expressões estético feministas presentes na obra de Neide Torres e Grazielle Maria” para a VERUM: Revista de Iniciação Científica.



[VERUM] Agradecimento pela submissão



RENATA SAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

LITERATURA DE CORDEL E GÊNERO: expressões estético feministas presentes na obra de Neide Torres e Grazielle Maria.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovado em: 04/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário de Faria Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr^a. Daniela Nery Bracchi (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Me. Ilzy Gabrielle Soares da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco